

# A hora da virada

O ano de 2006 aprontou surpresas parecidas para dois lutadores brasileiros de sucesso no Japão. Cristiano de Souza, no sumô, e Maurício Shogun, no vale-tudo, encontraram na derrota a força para a superação

por Décio Galina, de Tóquio e Osaka  
fotos João Wainer



O braço direito que apóia Shogun no ringue do Saitama Super Arena se quebraria no instante seguinte. Coleman venceu a luta, mas fortaleceu a alma do adversário



**L**ona. Mais nada. Só a lona. Em poucos segundos do primeiro round, o universo do curitibano Maurício Shogun Rua resumia-se ao tablado do moderno Saitama Super Arena, a meia hora de trem de Tóquio. Os olhos arregalados sobre o braço direito fraturado buscavam explicação para o desfecho trágico, inesperado. A dor pulsante refletia também a ruptura dos ligamentos do cotovelo. O unísono do ginásio lotado parecia reverberar a indignação do nocauteado. No minuto anterior, ele pisara no ringue do evento mais sagrado do vale-tudo como favorito. Era a penúltima luta do Pride 31, ou seja, a segunda mais importante daquele domingo chuvoso de 26 de fevereiro. Shogun defendia uma invencibilidade de nove lutas no Japão, exibia ótima forma aos 24 anos, tinha a preferência do público e lutava contra o norte-americano Mark Coleman, de 41 anos, que já tinha vivido dias melhores no esporte.

Como zebra não é exclusividade dos campos de futebol, deu Coleman na cabeça. Na sorte, para dizer a verdade. Quem procurou a luta desde o início foi Shogun, com bons helicópteros e chutes giratórios que levantaram a torcida, mas que, no entanto, não atingiram o alvo. Coleman, que não era bobo de tentar uma luta técnica, partiu para cima no melhor estilo vaca louca e derrubou o brasileiro. Então, entra em cena o acaso. Shogun cai de mau jeito e quebra o osso do braço ao meio. “Senti que tinha acontecido algo grave”, relembra o lutador. “Berrei de susto quando percebi que o braço não respondia.” No silêncio de seu relato, certamente aquela cena volta à superfície da mente. “Foi muito triste não conseguir me mover... Minha vontade era continuar lutando.”

Péssimo epílogo para um dia que começara às mil maravilhas. Pela manhã, ele recebera o elogio mais emblemático da vida: Wanderlei Silva, ídolo máximo da modalidade no Japão, declarara que considerava Shogun o “novo número 1 da equipe, o novo astro do vale-tudo no Japão”. A equipe em questão é a renomada academia curitibana Chute Boxe. “A derrota foi uma lição: aprendi que qualquer luta é sempre a luta da vida. Assim, criei ânimo para recomeçar e prometi que voltaria da contusão melhor do que nunca.” Com esse acidente de percurso atravessado na garganta, chegava a hora de Shogun superar-se. ►



Shinjuku, centro de Tóquio, cidade em que a fama do vale-tudo pode ser comprovada em qualquer esquina

Cristiano de Souza (o segundo na fila abaixo) prepara-se para o torneio de sumô de Osaka, em fevereiro. Contundido, ele não teve bom desempenho na competição



### Vila Maria–Guarulhos–Tóquio

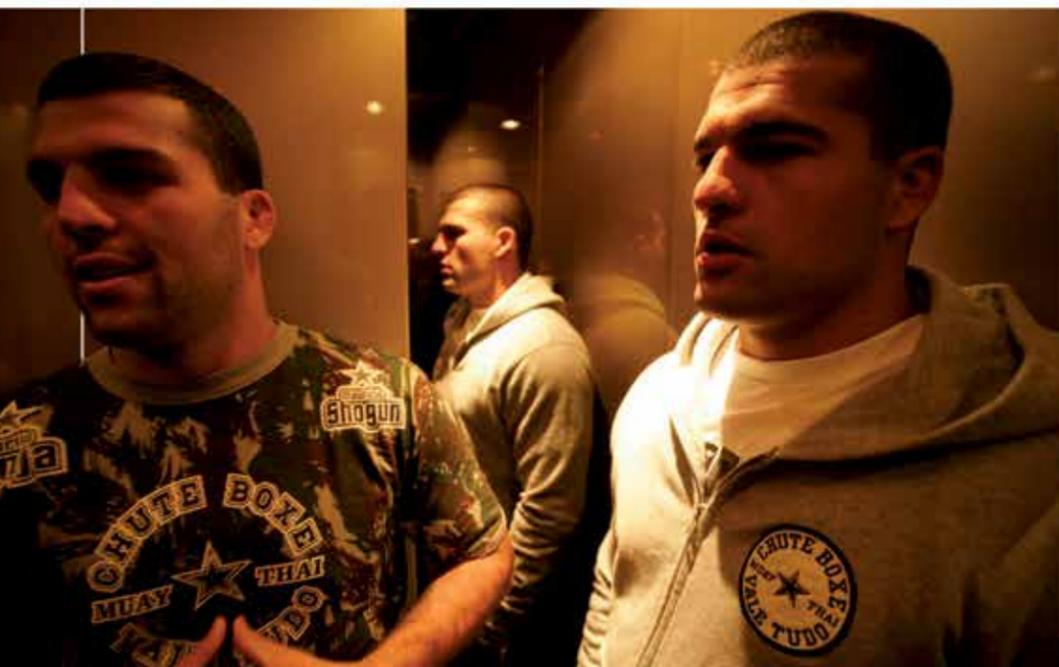
O ano de 2006 também apresentou uma bela sinuca de bico na vida de outro atleta brasileiro a fazer carreira no Japão: Cristiano Luiz de Souza, de 25 anos, ou Taka Azuma, como é conhecido nas rodinhas do sumô, o esporte milenar, e extremamente cultuado no país, que tem suas raízes nos rituais xintoístas de colheita (as lutas indicavam se a próxima safra seria boa ou não). Após 11 anos de judô, o rapaz nascido no bairro de Vila Maria, em São Paulo, e radicado em Guarulhos descobriu que sua praia era outra — e bem longe dali: Tóquio.

Baixou âncora na capital japonesa em 2004, com coragem e disposição para enfrentar a rígida rotina de uma academia profissional de sumô — local não só de treinamento, como também de moradia, já que os lutadores da segunda divisão compartilham alojamento com vários atletas. Empenhado em atingir a primeira divisão do esporte até 2011, Cristiano resistiu o quanto pôde a uma cirurgia no pulso direito. No último torneio do qual participou antes da operação, não conseguiu manter a escalada de bons resultados. Das sete lutas disputadas no torneio de Osaka, em março passado, perdeu quatro. “Acho que

já tinha passado do meu limite”, recorda Cristiano. “Mas, quando se vive do esporte, não é simples encarar uma cirurgia.”

A luta de sumô acontece no dohyo, uma arena de terra batida, com 60 centímetros de altura e um círculo de 4,5 metros de diâmetro. É esse círculo, o tawara, que limita a área de combate. A regra: vence quem jogar o oponente fora do círculo ou então encostá-lo no chão. O sal arremessado pelos lutadores antes do confronto simboliza a purificação do dohyo e a eliminação dos maus espíritos. Atualmente, o Federer do sumô atende por Asashoryu, um mongol de 26 anos, de 1,84 metro e 146 quilos que chegou à categoria Yokozuna — ápice no esporte.

Existem seis torneios a cada temporada. Depois de ir mal em Osaka, Cristiano não participou de duas competições, pois se recuperava da cirurgia na qual tirou um pedaço do osso do quadril para enxertá-lo no pulso. “Meu filho sempre foi raçudo”, diz a artesã Dorli Araújo de Souza, orgulhosa de seu caçula. “Para ficar mais forte, ele arrastava pneu de caminhão no quintal.” Longe do quintal de Guarulhos e morrendo de saudades da lasanha e do bolo de chocolate da mãe, chegava a hora de Cristiano superar-se. ▶



Ao lado, três momentos de Shogun horas antes do fatídico combate contra Mark Coleman: no alto, de capuz cinza, o curitibano ao lado do treinador Rafael Cordeiro (de capuz preto); Shogun com o irmão (e também lutador de vale-tudo) Murilo Ninja; e na escada rolante, ouvindo os conselhos do ídolo máximo do esporte no Japão Wanderlei Silva. Acima, Cristiano aprimora as técnicas de sumô antes da cirurgia no pulso

### Pit bull x caraoquê

Em ambas as histórias — a de Shogun e a de Cristiano —, a velocidade do doloroso processo de levanta-sacode-a-poeira-e-dá-a-volta-por-cima surpreendeu quaisquer expectativas. “Inicialmente os médicos disseram que eu voltaria a lutar apenas em nove meses”, emenda Shogun, com seu jeito atropelado, rápido e rasteiro de falar. “Mas me recuperei bem e fiquei tranquilo. O importante é o emocional não se abalar.” Após quatro meses, lá estava ele, na academia Chute Boxe, para delírio de seus admiradores. “Shogun tem um espírito de luta extremamente aguerrido”, comenta o fã Brian Futagaki, professor de inglês de 25 anos, em frente às tendas que vendem produtos como um boneco de Wanderlei Silva (US\$ 26) momentos antes da fatídica luta contra Coleman, em Saitama. “Mesmo quando está perdendo ou enfrentando uma situação difícil, ele tem atitude de vencedor”, completa. Maki Saegusa, de 29 anos, amigo de Futagaki, resalta a facilidade com que o lutador encaixa golpes de alta dificuldade técnica. “Shogun será o próximo Wanderlei”, conclui Saegusa.

A amputação de 2006 parece que escoou mais rápido e 10 de setembro chega assim, num instante. Data da volta ao

centro do ringue para Shogun. Hora de encarar o francês Cyril Diabate e dissipar qualquer fantasma remanescente da fatalidade do Pride 31. Aos quatro minutos do primeiro round, como se quisesse enterrar bem fundo tudo o que havia acontecido no início do ano, o brasileiro liquida Diabate numa saraivada de pisões de perna direita na cabeça. “Foi uma luta muito especial”, resume o vencedor, que, com o triunfo, voltou a passear com os pensamentos bem mais leves no bairro curitibano de Bacacheri, em companhia de seu pit bull Chacal.

Setembro também marcou o retorno de Cristiano ao centro do dohyo. No torneio em que esperava vencer quatro das sete lutas, o paulistano acumulou seis vitórias. Ótimo desempenho. Ao explicar como conseguiu entrar em forma tão rápido, Cristiano enfatizou a importância de encarar cada dia como um novo desafio: “O negócio é esquecer a contusão e levar o cotidiano da forma mais simples possível”. Com os pensamentos também mais leves, o bravo lutador de sumô retomou a rotina de PlayStation portátil, boliche com os amigos e memoráveis noites no caraoquê. Sem derrota a lhe atravessar na garganta.

